

# Saber partir, saber chegar: A Arte Missionária dos “Peregrinos de Esperança”

*Saber salir, saber llegar: El arte misionero de los “peregrinos de la Esperanza”*

*“Knowing how to leave, knowing how to arrive: The Missionary Art of the “Pilgrims of Hope”*

Joachim Andrade, SVD<sup>1</sup>

169

## Resumo

Este artigo pretende elaborar algumas reflexões fundamentadas no tema do ano jubilar: Peregrinos de esperança. Peregrinar é uma dimensão inerente à existência humana e de fé, pois não existe uma morada permanente na existência terrena. As peregrinações são, como que, um fio condutor na história da humanidade, na vida dos santos e das religiões. Peregrinar significa percorrer um caminho com um objetivo bem estabelecido. Nessa abordagem, analisa-se a saída missionária como peregrinação, apresentando algumas pistas concretas para essas saídas. Oferecem-se algumas pistas concretas e reflexões pertinentes em torno do “ser” e “fazer” da missão. Busca-se contextualizar o tema - Peregrinos de Esperança - do ano jubilar com o resgate histórico, bíblico e antropológico, pois uma ideia cabalística judaica assumiu lugar privilegiado dentro da tradição cristã no âmbito da reconciliação, do perdão e da misericórdia. Apresentam-se algumas atitudes concretas que o peregrino/missionário deve assumir durante a peregrinação, com apontamentos missiológicos que possam servir no trabalho missionário tanto *ad intra* como *ad extra*.

Palavras-chaves: Peregrino; missionário; jubilar.

## Resumen

Este artículo pretende elaborar algunas reflexiones basadas en el tema del año jubilar: Peregrinos de la esperanza. La peregrinación es una dimensión inherente de la existencia humana y de la fe, ya que no hay una morada permanente en la existencia terrena. Las peregrinaciones son, por así decirlo, un hilo conductor en la historia de la humanidad, en la vida de los santos y las religiones. Peregrinar significa caminar por un camino con un objetivo bien establecido. En este enfoque, la salida misionera se analiza como una peregrinación, presentando algunas pistas concretas para estas salidas. Se ofrecen algunas pistas



<sup>1</sup> Missionário indiano, da Congregação do Verbo. Tem Doutorado em Ciências da Religião pela PUC-SP (2007) e mestrado em Antropologia Social pela UFPR (2003). Assessor da VRC e da missão. Professor de Teologia na PUC-PR. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6119145835552627> Contato: [joachimandrade@terra.com.br](mailto:joachimandrade@terra.com.br)

concretas y reflexiones pertinentes sobre el “ser” y el “hacer” de la misión. Busca contextualizar el tema - Peregrinos de la Esperanza - del año jubilar con el rescate histórico, bíblico y antropológico, ya que una idea cabalística judía ha asumido un lugar privilegiado dentro de la tradición cristiana en el contexto de la reconciliación, el perdón y la misericordia. Se presentan algunas actitudes concretas que el peregrino/misionero debe asumir durante la peregrinación, con notas misionológicas que pueden servir en la obra misionera tanto *ad intra* como *ad extra*.

Palabras claves: Peregrino; misionero, jubilar.

### Abstract

This article aims to elaborate some reflections based on the theme of the Jubilee Year: Pilgrims of Hope. Pilgrimage is an inherent dimension of human existence and faith, since there is no permanent dwelling place in earthly existence. Pilgrimages are, so to speak, a common thread in the history of humanity, in the lives of saints and religions. Pilgrimage means walking along a path with a well-established goal. In this approach, the missionary outing is analyzed as a pilgrimage, presenting some concrete clues for these outings. Some concrete clues and pertinent reflections on the “being” and “doing” of mission are offered. It seeks to contextualize the theme - Pilgrims of Hope - of the Jubilee Year with the historical, biblical and anthropological perspective, as to how a Jewish Kabbalistic idea has assumed a privileged place within the Christian tradition in the context of reconciliation, forgiveness and mercy. Some concrete attitudes that the pilgrim/missionary must assume during the pilgrimage are presented, with missiological notes that can be useful in missionary work both *ad intra* and *ad extra*.

Keywords: Pilgrim; missionary; jubilate.

## 1. Introdução

Estamos na fase final do ano jubilar ordinário. Ao longo do ano, refletimos, em formas diversas, sobre nossa atuação missionária em diferentes lugares e contextos. Porém, este ano também nos provoca a refletir sobre nossa prática missionária sob a égide do tema jubilar - “Peregrinos de esperança”, evidenciando que o missionário é, por essência, um peregrino, aquele que está em constante caminhada.

Entendemos que a missão constitui uma tarefa contínua, na qual o missionário se coloca disponível para adentrar os contextos em que o próprio Jesus deseja ir (Lc 10,1). Toda existência humana configura-se como peregrinação, uma vez que transitamos entre diferentes espaços por motivações diversas - seja para estudos, exercício profissional ou em busca de melhores condições de vida para a família em um país de acolhida pela necessidade do lugar. Dessa forma, seja de um modo ou de outro, a peregrinação mostra-se inevitável. Ela pode ser compreendida como imigração na perspectiva sociológica, como saída missionária na linguagem da Igreja Católica, ou ainda como peregrinação de esperança na dimensão místico-espiritual. Em alguns casos, é uma escolha voluntária e espontânea; em outros, é impelida por circunstâncias políticas ou pela necessidade de aliviar a extrema pobreza; há ainda aqueles que a entendem como uma busca puramente espiritual.

Pretende-se, nesta abordagem, analisar a peregrinação no contexto da missão, apresentando algumas pistas concretas para as saídas missionárias. Nossa intenção é oferecer reflexões pertinentes e orientações práticas em torno do “ser” e “fazer” missionário. Em um primeiro momento, buscaremos contextualizar o tema “Peregrinos de Esperança” do ano jubilar, realizando um resgate histórico, bíblico e antropológico. Destacaremos como uma ideia cabalística judaica tornou-se relevante no contexto do perdão e reconciliação dentro da tradição cristã, particularmente na Igreja. Em segundo momento, apresentaremos a proposta do tema jubilar em sua profundidade teológica e dimensão mística, indicando atitudes concretas que o missionário deve cultivar. Por fim, elaboraremos apontamentos missiológicos que possam subsidiar nossa prática da saída missionária, tanto *ad intra* quanto *ad extra*.

## 2. Contextualização do Ano Jubilar

As origens da celebração do ano jubilar remontam aos tempos bíblicos mais antigos, especificamente à herança judaica. Nesta celebração, tocava-se o “yobel” em hebraico (chifre de carneiro), que significa “*lubilaeum*” em latim, traduzido como “grito de alegria”. De fato, para o povo hebreu, esse evento ocorria a cada sete anos, formando o ano sabático, onde os escravos eram libertados, as dívidas perdoadas e as terras deixadas em repouso, sem cultivo. O propósito central era restabelecer a igualdade entre todos os filhos de Israel.

Contudo, a gênese dessa concepção encontra-se na tradição cabalística, que a associa à Árvore da Vida. Essa representa uma estrutura composta por dez pontos, chamados de Sefirot, através dos quais se manifesta todo o universo. Como explica o rabino Nilton Bonder em sua obra “Exercícios d’alma”, os Sefirot ou Árvore da Vida ilustram as virtudes que o ser humano deve desenvolver em seu processo evolutivo (Bonder, 2010, p. 8), sendo elas:

- Soberania - Keter
- Sabedoria (coroa) – Hoh’ma
- Discernimento (compreensão primal) – Bina
- Expansão (compaixão) – Hessed
- Contração (Severidade, julgamento) – G’vura
- Equilíbrio (beleza, esplendor) - Tiferet
- Permanência (vitória) – Netsah
- Refinamento (glória) – Hod
- Essência (fundamento) – Iessod
- Segurança (reino, concretude) – Mal’hut

No interior dessa estrutura cabalística, surge a ideia da mística da totalidade, que exige um processo dinâmico do tempo, que passa por momento de atividade e de descanso. Um modo maravilhoso que encontramos na tradição mística judaica são os ciclos de sete, que são um tempo e uma dinâmica absoluta. Por exemplo, há sete dias formando uma semana. Há sete ciclos de sete semanas formando o mês absoluto (49 dias). Há sete ciclos de sete meses formando um ano (343 dias). Há ciclos de sete anos formando um ano sabático. Há, também, sete ciclos de sete anos (49 anos) formando um jubileu. Essa bela construção também nos conduz à realidade da natureza, assim para a realidade espiritual. Por exemplo, a semana é o quantum do ciclo marcado pelo *shabat*, pelo descanso dos seres vivos. Os



49 dias são o quantum de tempo entre um plantio e sua primeira colheita ou o tempo da fruição. Os 343 dias, composto de um ano conforme a calendário lunar (no calendário solar seria 365 dias) são o período das festividades. O sétimo ano é o ano para o descanso da terra, um ano sabático e os 49 anos o descanso de toda a atividade econômica.

A dinâmica de incorporar essa ideia no interior da proposta do tema do Jubileu – Peregrinos de Esperança, é apresentar a necessidade de ter uma parada, um momento de discernimento, momento do descanso e principalmente um momento de estar com o Senhor Deus durante a peregrinação. Podemos identificar que toda a atividade humana, ou da natureza, exige um momento chave de “liminaridade” do “deserto” ou de estar ‘nem aqui nem lá’ para adquirir melhores resultados no processo da peregrinação.

Esse momento também é visto como teologia dos “entre-lugares”, nos quais a pessoa se encontra em nenhum lugar, um estado fundamental para construir objetivos no início ou no meio da peregrinação. Porém, os “entre lugares”, não são apenas no âmbito de um indivíduo na sua peregrinação missionária, mas também pode ser entre duas tradições religiosas, entre as duas culturas - Ocidente e Oriente, entre processo civilizatório, contemplação e modernidade assim como entre o pensamento racional e intuitivo (Thomaz, 2019, p. 101). Essa teologia do “entre-lugar”, vai ajudar a criar pontes e superar as dualidades e preconceitos em relação. Como afirma Cunha (2017, p. 28)

O espaço do entre-lugares favorece encontros entre povos, culturas e saberes que provocam a desinstalação do sujeito dos seus próprios ambientes. Sair dos espaços de origem e ousar pisar novos lugares não só permite ver com mais propriedade os limites e as contribuições dos próprios recintos como também possibilitam a abertura para horizontes mais amplos.

Nesses “entre-lugares” o peregrino decide o que deixar e o que levar; ou pensar qual é o melhor momento para seguir ou deixar de seguir. A herança judaica construída a partir da experiência vivida pelo povo judeu. A trajetória da peregrinação do povo hebreu inicia-se com a saída de Abraão até a chegada na terra prometida, passando pela experiência do Êxodo do Egito. A Igreja católica apropriou essa bagagem espiritual inovando e aplicando para diversos modos de viver e fazer a missão.

### 3. Peregrinos de esperança – novos modos de trilhar os caminhos da missão

A incorporação e início da celebração do ano jubilar realizada numa forma dinâmica e processual, na Igreja Católica, com a introdução do Ano Santo com o Papa Bonifácio VIII, em 1300. A partir de 1475, determinou-se um jubileu ordinário a cada 25 anos e extraordinário a cada 50 anos. Até o momento, foram proclamados 26 Anos Santos ordinários e dois extraordinários (anos santos da Redenção): em 1933, sob pontificado de Pio IX e em 1983, durante o papado de São João Paulo II. O jubileu consiste num perdão geral, uma indulgência aberta a todos, e na possibilidade de renovar a relação com Deus e o próximo. Esta indulgência implica obras penitenciais, como peregrinações e visitas a igrejas.



O Ano Jubilar ordinário de 2025, iniciado em 24 de dezembro de 2024, estender-se-á até 6 de janeiro de 2026. O itinerário da peregrinação jubilar constitui um processo espiritual progressivo, no qual o peregrino é conduzido a atravessar diversas portas sagradas, cada uma simbolizando etapas distintas de um caminho de conversão e discernimento espiritual. Por exemplo, a primeira Porta Santa da Basílica de São Pedro, no Vaticano, aberta a 24 de dezembro 2024, simbolicamente iniciando o Jubileu Ordinário, convida à contemplação da Igreja petrina. A segunda Porta Santa é a de São João de Latrão, aberta em 29 de dezembro 2024, a qual celebra 1700 anos de sua dedicação, faz um resgate da vivência do conteúdo religioso da Igreja. Terceira Porta Santa é a da Basílica de Santa Maria Maior, aberta no dia 01 de janeiro de 2025 na solenidade de Santa Maria Mãe de Deus. Apresenta o rosto mariano da Igreja acolhendo todos dentro de sua casa. Finalmente, a Porta Santa da Basílica de São Paulo fora dos Muros é aberta no dia 05 de janeiro de 2025, mostra o lugar no qual a Igreja deve atuar com sua missionariedade no mundo contemporâneo. O Jubileu Ordinário terminará com o encerramento da Porta Santa da Basílica de São Pedro, na solenidade da Epifania do Senhor, dia 6 de janeiro de 2026.

O caminho histórico da introdução da misericórdia, analisado sob o olhar cauteloso de algumas encíclicas atuais, revela um paradoxo: a mentalidade contemporânea parece opor-se ao Deus de misericórdia ao separar da vida e do coração humano a ideia da misericórdia.

Em sua carta encíclica *Dives in misericórdia* (1980), a expressão de João Paulo II coloca, em primeiro plano, no contexto cultural contemporâneo, o tema da misericórdia. A princípio, é uma forma de analisar o papel da misericórdia, tanto a misericórdia de Deus quanto a necessidade da misericórdia humana, apresentando a parábola bíblica do Filho Pródigo como paradigma teológico. A proposta da encíclica apresenta uma situação quase sempre conflitante, que evidencia o sentido contraditório em que vive hoje o ser humano. Sente forte necessidade da misericórdia, de ser compreendido e perdoado. Por isso, Papa Francisco fez um resgate com o 29º Jubileu Extraordinário da história da Igreja: Domingo da Divina Misericórdia, festa instituída por João Paulo II para ser celebrada no primeiro domingo após a Páscoa.

Papa Francisco, com a bula *Misericordiae Vultus*, de 11 de abril de 2015, declarou um Jubileu para o 50º aniversário do fim do Concílio Vaticano II, dedicando esse jubileu à misericórdia.

Antes da abertura oficial, como sinal da proximidade da Igreja com a República Centro-Africana, atingida pela guerra civil, o Papa Francisco, em 29 de novembro, abriu a Porta Santa da Catedral de Notre-Dame em Bangui, por ocasião da sua viagem apostólica à África, antecipando o início do Jubileu Extraordinário. A Porta Santa da Basílica de São Pedro, no Vaticano, foi inaugurada em 8 de dezembro de 2015, na festa da Imaculada Conceição. Foi a primeira vez que a “porta da misericórdia” foi aberta nas catedrais do mundo, em santuários, hospitais e prisões. O Papa instituiu para a ocasião os Missionários da Misericórdia, a quem confiou a faculdade de perdoar os pecados reservados ao Santo Padre. SANTA SÉ. Jubileus na história. Disponível em: <https://www.iubilaeum2025.va/pt/giubileo-2025/giubilei-nella-storia.html>.



A voz e testemunho do Papa foram decisivos nesse caminho, tornando mais evidente a missão de ser testemunha da misericórdia, e o missionário faz esse caminho com a conversão espiritual. A centralidade da misericórdia na vida do Francisco cresceu pouco a pouco na vida sacerdotal, como consequência da experiência como confessor em Buenos Aires. Posteriormente, na volta do Rio de Janeiro, teve a inspiração de introduzir o ano da misericórdia. Uma forma em que a Igreja mostra o seu rosto materno, o seu rosto de mãe à humanidade ferida.

No contexto da peregrinação missionária, o mais sábio é que o missionário, em primeiro lugar, abre as portas da inclusão, onde todos são vistos como filhos de Deus. A tarefa principal da missão é criar a comunhão, que remonta ao termo grego *OIKOS* (casa), que acolhe todos e onde todos encontram seu espaço. *Oikos*, era a unidade familiar básica, constituída da civilização greco-romana, a qual expandiu-se para a sociedade, cidade (polis), e posteriormente para outras dimensões da vida coletiva, conduzindo para a ideia da comunhão. Além da ideia da família, *OIKOS* foi relacionado ao econômico (*oikonomia*), ao ecumênico (*oikoumene*) e ecológico (oikologia). Assim, reflete as dinâmicas que deveriam levar a nossa atenção para o fato que vivemos num mundo profundamente interconectado e interdependente. Essa metáfora *OIKOS-CASA* apresenta como caminho, no qual o missionário apresenta a proposta da comunhão para com todos. No caminho espiritual e missionário, a metáfora 'casa', retorno à 'casa', deve ser considerada a meta, o coração, ou seja, permitir que Deus estabeleça Sua moradia em nós e possa expressar-se em nossa maneira de estar e agir no mundo.

#### 4. O fundamento para a peregrinação missionária

Peregrinar é uma dimensão inerente à existência humana e de fé, pois não existe uma morada permanente na existência terrena. Nesse processo se encontra o fundamento do projeto missionário, podemos afirmar que

a missão fundamenta-se na Trindade, que se revelou na paciente e progressiva pedagogia de Deus e na vontade salvífica universal. A missão é dirigida a todos. Ide por todo mundo. Eis o primeiro elemento essencial da missão, o universalismo. A missão dirigida a todos e o horizonte sem horizontes da missão a todos os povos e em todos os tempos e com todos os batizados e batizadas. (Panaozolo, 2006, p. 9)

A saída missionária da Trindade "é vista como inspiração para a nossa peregrinação missionária como um fio condutor na história da humanidade, na vida dos santos e das religiões. Assim entendemos que peregrinar significa percorrer um caminho com uma meta. De fato, o ser humano foi criado para caminhar, ao contrário das árvores, que fincam suas raízes eternamente na terra. Quando o ser humano se encontra fincado na terra, é para apodrecer no seio da terra de onde ele veio. Vale observar também que a missionariedade ou as saídas missionárias bíblicas de certa forma possuem as raízes no contexto geográfico da região do Oriente Médio, que em sua maior parte é um deserto.



Ao contrário da região terra fértil, a região desértica apresenta a dureza da vida cotidiana, onde falta tudo - vegetação, água e comida. O povo vive no medo dos ataques eventuais dos inimigos, e a própria instabilidade provocada pela amplitude geográfica exige a elaboração de uma cultura nômade que busca estabilidade com as constantes migrações. A semente da missionariedade ou da saída se encontra nesse processo. Essa condição geográfica levou os nômades a elaborarem um conteúdo religioso que apresenta Deus como transcendente, distante e tremendamente exigente de fidelidade e submissão de seus fiéis. Em sua análise sobre a vida do profeta Maomé, o autor Gheorgheu mapeia o contexto e afirma:

No deserto, não existe obra humana ou natural que prenda a atenção, o pensamento ou o desejo dos homens. Nada pode distrair o homem da contemplação e da eternidade. O homem está permanentemente em contato com o infinito, que começa a seus pés. Quando o homem encontra Deus no deserto, fica-lhe fiel. (Gheorgheu, 2000, p. 8)

O sofrimento cotidiano levou o ser humano a considerar o céu azul como morada de Deus e como um lugar de tranquilidade e preservar o foco nesse Deus.

No interior dessa visão, encontra-se o conteúdo bíblico, onde o motivo do peregrinar, ou colocar-se a caminho, aparece 800 vezes nas suas diversas facetas. A História da Salvação, na Bíblia, começa com o apelo a Abraão para pôr-se a caminho (Gn 12,1-4). Na História da Salvação, o “caminho” se encontra sempre associado ao “caminhar”: pôr-se a caminho, percorrer caminho, ir de um lugar para outro. Porém esse caminhar possui um objetivo.

A história da salvação é uma história de libertação, como bem nos mostram as imagens da criação: a criação do mundo a partir do caos, a separação entre as trevas e luz, e a libertação do barro pelo espírito. A libertação é sempre um processo de criação, de discernimento, de assunção de um destino novo e de despojamento. (Suess, 2024, p. 21)

O Novo Testamento, precisamente os 33 anos de Jesus, era de constante movimento desde o início, mesmo antes de nascer, Ele viveu a caminho. Por isso, os Evangelhos são concebidos como caminho, como um locomover-se: Jesus vai da Galileia para a Judeia e daí para Jerusalém. Ele vai de lugar em lugar, cura e anuncia, reza e fala com os discípulos e as discípulas que, por sua vez, se juntam a Ele, caminham com Ele e O seguem. Ele mesmo se declara com “Eu sou o caminho” (Jo 14,6).

No primeiro século da era cristã, nossos irmãos, conhecidos como “os do Caminho” fizeram uma jornada longa. Foram peregrinos e, com seu estilo de vida, anunciaram a nova vida, um modo de vida na contramão de sua cultura e sociedade. Acreditaram na possibilidade de um mundo melhor. Com Jesus adquiriram coragem para atitudes radicais, como enfrentar o martírio. Mantiveram-se firmes nas adversidades inerentes ao caminho.

No contexto contemporâneo a humanidade apresenta nova configuração, porém, o movimento de saídas adquiriu novas compreensões e novas abordagens para sustentar a di-



missão da peregrinação missionária. Assim, percebe-se que o fio condutor bíblico foi concebido como um caminho de peregrinação. A partir disso, surgiram os conceitos da missão, “A Igreja em saída”, “missionário em saída”, assim como “peregrinação missionária”, que sustentam os fundamentos da missão.

## 5. O uso de meios para a peregrinação missionária

Existem diversas modalidades de realizar a missão. Cada vez mais queremos acelerar para obter os resultados mais rápidos. A Igreja, as congregações e os agentes missionários utilizam os meios para essa peregrinação. Além disso, no contexto atual, devido às tendências de globalização, existe uma tentação de utilizar os meios mais velozes para obter resultados em instantes. Conseguimos identificar, entre os diversos, 5 meios mais escolhidos pelos peregrinos para chegar ao destino: o avião, o navio ou barco, o trem, carro e a pé. Claro, esses meios são simbólicos, que carregam as atitudes, desejos e vontades dos missionários. Quem caminha é o próprio missionário ou a instituição para qual ele representa. Claro, existem outras modalidades conforme a região geográfica e os contextos, por exemplo, a bicicleta, a moto ou a carroça, porém escolhemos esses meios para nos colocar a par da nossa peregrinação missionária.

### Avião

Um dos meios mais utilizados na atualidade é o avião. Nesse meio, a peregrinação mais rápida. Nesse meio, não tem tempo para contemplar ou estar em silêncio. Durante a peregrinação não existem paradas para discernir melhor, não há possibilidade de mudar de ideia no meio do caminho ou acrescentar novas ideias e conteúdos no lugar da missão. O horário de saída e horário de chegada são fatores determinantes. No interior do avião também os mesmos peregrinos com a mesma situação. O objetivo de chegar ao destino mais rápido possível e transmitir ou fazer aquilo que foi ordenado a fazer.



<https://stock.adobe.com/br/images/airplane-above-clouds-at-sunset/1603518341>

O que é interessante notar nessa peregrinação, é que o missionário está somente nas nuvens não enxerga a realidade. Ele interage com os mesmos passageiros, muitas vezes



aquele que está ao lado sentado, ambos se encontram presos à poltrona. Não existe uma contemplação sobre a vida, não existe a distração de vida. Somente uma turbulência indesejada que pode tirar o sossego do missionário para uma oração de pedido do socorro. Dois pontos importantes nesse modo de viajar: o local de saída e o local do destino. A ironia é que o avião se encontra preso ao ar, sem ter a liberdade de desvios ou paradas para discernir melhor.

## Navio/barco

Navegar é uma das formas mais antigas da missionariedade, pois o próprio Paulo iniciou essa forma para evangelizar o mundo greco-romano e durante a colonização chegou seu momento de auge. Acompanhando os navegadores, os missionários aproveitaram para implantar a proposta de Jesus. O interessante é que a peregrinação segue lenta, onde o peregrino tem tempo para contemplar a infinitude das águas, assim como a infinitude do firmamento. Tudo é lento, o tempo não passa, o peregrino pode ter um olhar sobre a paisagem interna para purificar-se e construir os propósitos da missão.



<https://stock.adobe.com/br/images/passenger-ship/55664451>

Nessa viagem, a preocupação do peregrino está no local do embarque, o tempo do meio e também o local do destino. O navio se encontra preso à água, e com ele também o peregrino. No contexto atual, não existe essa forma de peregrinação a não ser na região Amazônica ou nas regiões das ilhas.

## Trem

A modalidade do trem é utilizada na peregrinação na Europa ou nos países que possuem esse meio de transporte. A peregrinação é terrena, o peregrino pode apreciar as paisagens naturais, usufruir a beleza nas paradas, pode verificar os passageiros descendo e subindo, assim pode ver os peregrinos diferentes viajando com os objetivos diferentes. A peregrinação oferece a variedade, sendo passageiros diferentes assim como a paisagem externa também é variada. Há possibilidade de partilhar com outros sobre os objetivos, assim como decidir mudar o rumo ou retorno no meio do caminho.





<https://stock.adobe.com/br/images/scenic-japanese-train-passing-through-cherry-blossoms-with-mount-fuji-in-the-background-during-spring-generative-ai/1263547874>

Nesse caso também o trem se encontra preso aos trilhos. Pode ter a definição do local da saída, porém destino final não é definido, pois o peregrino missionário, distraído pelos sentidos, pode desistir da viagem missionária.

## Ônibus/carro

Aqui no Brasil é amplamente utilizada essa forma para peregrinar aos santuários. A viagem é aproveitada avistando as belas paisagens externas. Os passageiros descem e sobem, são diferentes, portanto, podem partilhar entre eles. O ônibus pode parar em algum lugar, peregrino desce e sobe, conforme o lugar faz compras ou utiliza espaço comum para suas necessidades.



<https://stock.adobe.com/br/images/scenic-bus-journey-through-mountain-valley-at-sunset/1599469920>



Na viagem de ônibus/carro também encontramos a possibilidade de mudar da decisão, interromper a peregrinação. O ônibus está preso à estrada, portanto, não oferece a liberdade ao peregrino.



## A pé

Uma das formas mais antigas da peregrinação, na qual não existe a dependência com ninguém, é de caminhar a pé. Esse caminho solitário, realizado com muita determinação, muitas vezes feito pelo próprio peregrino. Nesse modelo, o peregrino permanece bem perto de si, pode ser lento ou rápido, quem decide é o próprio peregrino. As paradas podem ser longas, pode não ter nenhuma parada, o peregrino que decide.



<https://stock.adobe.com/br/images/woman-hiking-mountain-trail-scenic-vista-sunny-day-travel-blog/1239594886>

Como nos meios anteriores, nesse meio de peregrinar o peregrino não está preso a ninguém, ou seja, às paisagens externas, aos outros peregrinos ou ao próprio veículo de viagem. Porém, pode estar preso pelas próprias amarras que ele mesmo criou em sua vida. A escolha desse meio de peregrinar é fundamental, onde o missionário purifica a si próprio, consequentemente, o seu modo de fazer a missão.

Ao longo dos séculos, os missionários tiveram poucas opções de escolher os meios, porém na atualidade existem múltiplas escolhas, por isso a missão passa pelas dificuldades. Os missionários dedicam mais o tempo para as escolhas dos meios do que a própria missão. O tema do ano jubilar é um aviso aos missionários da atualidade para discernir melhor antes de iniciar a peregrinação missionária.

## 6. Peregrinando com as mochilas

O peregrino sempre inicia sua viagem, de modo geral, com uma pequena mochila, levando consigo somente as coisas essenciais. O missionário sempre é um peregrino, que inicia sua jornada com três saberes: “saber o que deixar”, “saber o que levar” e “saber como levar”. Esses três saberes o colocam no eixo central da peregrinação, o quarto saber: “saber chegar”. Talvez, essa deve ser uma regra para os missionários peregrinos, pois a maioria deles inicia a viagem com muitas malas, por vezes pesadas, dificultando toda a viagem. Por vezes, levam consigo as malas culturais, sociais e étnicas. Não existe espaço para adquirir novos saberes da cultura do destino. Quanto mais malas, mais lenta é a viagem, além disso, mala cheia pode prejudicar o peregrino, como machucar a própria missão. Portanto, a introdu-

ção da mochila na peregrinação torna-se um fator determinante, e talvez ajude o missionário em sua travessia de peregrinação para atingir o objetivo da sua chegada ao destino. Na mochila, o peregrino missionário é convidado a levar somente o essencial para cada dia, para que tenha agilidade na viagem.

O peregrino deve levar em seu coração: a fé naquele que motiva a viagem, ou podemos dizer, preservar a centralidade na pessoa de Jesus.

O peregrino também carrega em seus lábios: a disposição para dialogar com peregrinos companheiros, capacidade de partilhar suas ideias e preocupações e também a sabedoria de orar nas determinadas paradas, tanto sozinho como com os outros.

O peregrino e/ou missionário carrega em seu olhar a realidade do mundo, da Igreja e também da instituição à qual ele pertence. Esse olhar é inevitável, sendo que ele motiva no processo da inserção no lugar de destino.

O peregrino deve estar atento, carregando em seus ouvidos, uma abertura para acolher o que vem da escuta mútua e da conversação no Espírito. A audição preserva a agilidade na sua caminhada, levando-o para o destino como firmeza.

Em suas mãos, o peregrino elabora o gesto de solidariedade para com os outros peregrinos, também para com as pessoas que se encontram no lugar de chegada.

Finalmente, nos pés, o peregrino carrega a convicção de que está mais perto do objetivo, e sente-se carregado pela fé em Deus e pela confiança de que Deus oferece oportunidades para atuar na nova missão.

Uma das dimensões mais importantes na peregrinação missionária é lembrar de que o peregrino só conhece o hoje, não se ocupa com o amanhã, pois este não lhe pertence. Durante a peregrinação, de vez em quando, faz uma pausa, descansa e verifica o que tem na bagagem, avalia o que pode dispensar para seguir com mais leveza.

## 7. Considerações finais

A missão sempre se encontra em dois universos distintos: o mundo de “cá”, onde o missionário se encontra e mundo de “lá”, o destino da missão onde o missionário é enviado. Lidar com esses dois universos numa forma sábia, possibilita desenvolver um trabalho missionário autêntico. No interior desse peregrinar, a Igreja pode ser fiel ao seu chamado para ser missionária, apenas na medida de sua experiência de Jesus Cristo, e por meio dele, a experiência do Deus Pai e o amor do Pai. Por isso, é necessário ter a consciência de que toda a peregrinação missionária envolve uma entrada no outro lugar ou em uma outra cultura a partir da experiência da Trindade. Como aponta Kavunkl, (2020, p. xiv).

Toda cultura humana é permeada pela providência divina (Amós 9,7). O que a proclamação do evangelho realiza é a atualização, tornando presente o amor de Deus na peregrinação humana, como

aconteceu no ministério, morte e ressurreição de Jesus Cristo. Dessa forma, a Igreja se torna um agente transformador em todas as culturas. Toda cultura é afetada pelo egoísmo humano, tornando a vida miserável para os outros seres humanos e igualmente para si mesmo. Isso tem que ser curado pela prática e proclamação da Igreja do amor e compaixão divinos.

Por isso, mochila ou os meios que utilizamos para peregrinar, não podem nos fazer perder o foco na vida da pessoa de Jesus ou uma experiência de Deus. Ao longo da peregrinação algo se desloca no interior do peregrino, abrindo-o para novos olhares e perspectivas, como aponta Suess. (2012, p. 12)

Em cada etapa dessa caminhada voltam antigas e novas perguntas. São sinais da nossa subjetividade em construção e da busca do sentido. Só o sujeito faz perguntas, questiona a si e ao mundo. Afinal quem somos? A caminhada missionária é um aprendizado para conviver em paz com cada vez mais perguntas. No caminho se perde a ansiedade de encontrar respostas para tudo. Ao sair do “nosso” lugar, mudamos o olhar ao mundo e a perspectiva de vida.

## 8. Referências:

ANDRADE, Joachim. Deus do deserto, Deus do vale: a geografia como ponto de partida para a compreensão do fenômeno religioso. *Interações: Cultura e Comunidade*, Uberlândia, v. 5, n. 7, p. 13-38, jan./jun. 2010. ISSN 1809-8479 (impresso), ISSN 1983-2478 (online). Dossiê: Geografia da Religião – nova abordagem (I).

BÍBLIA Sagrada. *Edição Pastoral*. São Paulo: Paulinas, 1990.

BONDER, Nilton. *Tirando os sapatos: o caminho de Abraão, um caminho para o outro*. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

BONDER, Nilton. *Exercícios d'alma: a Cabala como sabedoria em movimento*. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

CUNHA, Carlos. *Provocações decoloniais à teologia cristã*. São Paulo: Terceira Via, 2017.

GHEORGHIU, Virgil. *A vida de Maomé*. Lisboa: Edições 70, 2000.

JOÃO PAULO II, Papa. *Carta Encíclica Dives in Misericordia: sobre a misericórdia divina*. São Paulo: Paulinas, 1980.

KAVUNKAL, Jacob. *Extensio Dei – Mission as Divine Reaching Out*. New Delhi: Indian Society for Promoting Christian Knowledge (ISPEK), 2020.

MAALUF, Amin. *O mundo em desajuste*. São Paulo: Bertrand Brasil, 2011.



PANAZZOLO, João. *Missão para todos: introdução à missiologia*. São Paulo: Paulus, 2006.

SUESS, Paulo. *Impulsos e intervenções: atualidade da missão*. São Paulo: Paulus, 2012.

SUESS, Paulo. *Teologia da missão: convocar e enviar servos e testemunhas do Reino*. Iniciação à Teologia. Petrópolis: Vozes, 2024.

THOMAZ, Angélica. *Nas fronteiras: o hindu-cristianismo de Bede Griffiths*. 2019. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, São Bernardo do Campo, 2019.

### Sites

IUBILAEUM 2025. *Giubilei nella storia*. Disponível em: <https://www.iubilaeum2025.va/pt/giubileo-2025/giubilei-nella-storia.html>. Acesso em: 17 jul. 2025.

SCENIC bus journey through mountain valley at sunset. Disponível em: <https://stock.adobe.com/br/images/scenic-bus-journey-through-mountain-valley-at-sunset/>. Acesso em: 17 jul. 2025.

AIRPLANE above clouds at sunset. Disponível em: <https://stock.adobe.com/br/images/airplane-above-clouds-at-sunset/1603518341>. Acesso em: 17 jul. 2025.

PASSENGER ship. Disponível em: <https://stock.adobe.com/br/images/passenger-ship/55664451>. Acesso em: 17 jul. 2025.

SCENIC Japanese train passing through cherry blossoms with Mount Fuji in the background during spring (generative AI). Disponível em: <https://stock.adobe.com/br/images/scenic-japanese-train-passing-through-cherry-blossoms-with-mount-fuji-in-the-background-during-spring-generative-ai/1263547874>. Acesso em: 17 jul. 2025.

WOMAN hiking mountain trail scenic vista sunny day travel blog. Disponível em: <https://stock.adobe.com/br/images/woman-hiking-mountain-trail-scenic-vista-sunny-day-travel-blog/1239594886>. Acesso em: 17 jul. 2025.

Recebido: 03 de agosto de 2025 | Aceito: 30 de outubro de 2025